

As Doenças e o Poder. Saúde e modernização em Juiz de Fora (1889-1920)

Elaine Aparecida Laier Barroso¹ - PPG-UFJF

Nosso trabalho busca estudar, como se deram as relações entre a Medicina laica e o poder em Juiz de Fora atuantes sobre os subalternos na transição para as relações capitalistas de produção. Como trata-se de um evento nacional, apresentaremos um panorama geral da cidade de Juiz de Fora desde sua gestação até o período de 1920. Assim, será possível apresentar nosso trabalho e contextualizarmos nosso objeto de estudo, a história do Sanitarismo no município e reações dos populares.

Iremos recorrer à parte da historiografia pré-existente sobre a História da Medicina em âmbito nacional para definirmos o que é Medicina científica e como a mesma se organizou em Juiz de Fora. Posteriormente, buscaremos desenvolver o tema proposto seguindo os estudos de Thompson como nosso principal instrumental teórico à medida em que as fontes estudadas nos permitirem tal leitura.

A cidade de Juiz de Fora surge entre a capital do país na I República, o Rio de Janeiro, e a região mineradora através da construção do Caminho Novo nos Campos das Gerais, um empreendimento do século XIX. O contexto de seu nascimento serve de sustentação para as atividades mercantis da economia mineradora no início do século XIX. Em 1856, é elevada à condição de vila de santo Antônio do Paraibuna². Juiz de Fora foi palco de uma dinamização em seu setor industrial no período de 1889-1930. A demanda gerada a partir do capital cafeeiro e da transição do trabalho escravo para o livre, impulsionou um processo acelerado de industrialização, convertendo a cidade em pólo industrial. Capitais excedentes da agro-exportação foram investidos na industrialização de bens de consumo. A cidade organizou-se espacialmente e institucionalmente para atender a demanda de questões da industrialização. Foram necessárias políticas e medidas que promovessem melhorias urbanas e sanitárias para sua expansão.³

Nesse contexto, é criada a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, apenas três anos após a mesma instituição ter sido criada no Rio de Janeiro. Identificamos a relevância de tal fator, por evidenciar a preocupação com a Higiene e o Sanitarismo. As condições higiênico-sanitárias da cidade eram muito precárias e várias epidemias assolaram desde a segunda metade do século XIX⁴. A Sociedade de Medicina e Cirurgia, preconiza um alinhamento à orientação de Oswaldo Cruz no Rio, demonstrando adequamento das diretrizes sanitárias provenientes da nova moral burguesa. Efetivaram o combate ao exercício da profissão por leigos e curandeiros e tiveram amplo papel social e político no processo de modernização da cidade⁵.

Com o advento republicano, quase todos os membros da sociedade passaram a ter assento na Câmara. Dentre as inúmeras medidas e obras empreendidas, destacamos a Inspeção de Higiene, criada em 1892. Também fora instituída uma polícia sanitária e medidas afins, que ao nosso ver, são indícios de um projeto médico-sanitarista na cidade.⁶ Em Juiz de Fora em fins do período imperial e início da I República temos um intenso processo imigratório. Eram alemães, italianos e sírios mesclando-se a população nativa; afro-descendentes e portugueses. Ocorre uma diversificação urbana onde circulavam profissionais liberais, capitalistas, negociantes, incorporação de negros libertos, imigrantes emigrantes nacionais⁷.

Vanda Arantes do Vale nos explica que o Epíteto “Manchester Mineira”, fora ganho devido às semelhanças arquitetônicas com as fábricas inglesas e intensa agitação operária na cidade. O desenvolvimento industrial possibilitou o surgimento de movimentos associativos, sanitarismo, criação de instituições de educação e o florescimento da imprensa⁸. Desde meados do século XIX, várias teorias médicas brigavam entre si sobre as causas das epidemias. Era circulante e comum a teoria dos miasmas, que podia ser de causa natural devido aos espaços geográficos como pântanos alocados no perímetro urbano, clima tropical, etc. Mas também por motivações sociais, como a desorganização das cidades e os péssimos hábitos de higiene do populacho⁹.

Através das pesquisas de Pasteur nas últimas décadas do XIX, foram descobertos os micróbios. Com esse advento, cessa a Era da Patologia e suas terapêuticas e se inicia a Era do Sanitarismo. A Medicina torna-se científica e desdobra-se em Saúde Pública, sendo a higiene sua vertente mais importante, sendo bem visualizada na I República no Brasil. A partir de então, passamos a ter o que Jane Sayd chama de jurisprudência biológica, onde o sujeito ao adoecer passa a cometer delito contra a ordem ou moral burguesa¹⁰. Acreditamos que as pessoas passam a ser responsáveis pelo bem-estar do corpo social, da saúde coletiva. As epidemias causavam prejuízos ao Estado, ao empregador e aos próprios trabalhadores, que a partir do assalariamento da mão-de-obra, passam a vendê-la e precisam estar são para subsistirem¹¹.

O espaço urbano passa a ser espaço para a luta de classes, pois potencializa as contradições existentes entre a estas. Havia a necessidade de enquadrar o Brasil e sua capital aos moldes internacionais de organização do espaço urbano, à uma nova ordem moralizante e disciplinarizadora, afim de submeter os “pretensos cidadãos” às novas relações de produção¹². Esse objetivo moralizante também pretendia abarcar os costumes da massa, seja a medicina ligada às práticas de curandeirismo, os hábitos envolvendo o lazer, as habitações e os laços familiares. ¹³Tudo o que não coincidia com os novos padrões burgueses que envolviam a ordem, a moral e a saúde precisava ser expurgado¹⁴.

Em Juiz de Fora, nossos e outros estudos no âmbito acadêmico nos dão indícios de que a atuação das instituições médico-sanitárias e políticas, também partilhavam das práticas decorrentes da organização da Medicina Científica. Nossa análise é paralela cronologicamente com a transição para as relações capitalistas de produção no país e especificamente, na cidade (1889-1920). O processo áureo de industrialização, urbanização e modernização é o contexto exato no qual fazemos nossa verificação. Com a crescente urbanização e industrialização do município, fazia-se necessário preservar a mão- de -obra que nesse momento, passava a ser remunerada. Identificamos que as questões da saúde e da doença estiveram ligadas à industrialização, como parte do

projeto modernizante das elites locais. Pesquisamos os tipos de reação que o Higienismo causou aos populares alocados no centro urbano de Juiz de Fora.

Organizados em sociedades de socorro mútuo, acreditamos que os operários tinham uma maior receptividade à prática da medicina. Sobretudo porque precisavam preservar-se enquanto detentores de sua força de trabalho. Para vendê-la e sobreviver, precisavam estar sãos. De acordo com as pesquisas de Cláudia Viscardi, essas associações foram a criadas para garantir a sobrevivência dos trabalhadores em meio ao surgimento das relações capitalistas de produção¹⁵. Em Juiz de Fora, encontramos vestígios de Mutuais e também de Associações Filantrópicas, sendo essas últimas, uma estratégia elitista para manterem seu capital simbólico¹⁶.

Em nossos estudos, temos adotado constantemente as perspectivas teóricas dos historiadores neomarxistas, em especial, E. P. Thompson. Através da aproximação da História com a Antropologia, as pesquisas conseguiram ampliar a análise dos objetos, que por sua vez exigiram uma determinada demanda por outros tipos de fontes. O cotidiano, costumes e a experiência dos chamados subalternos, passaram a ser focados tanto na longa duração ou na chamada micro-História. Essa abordagem prioriza a transição para as relações capitalistas de produção e como os setores sociais menos favorecidos resistiram a este processo.

Thompson fora um marxista da de escola inglesa. Através de suas pesquisas, levanta a possibilidade da ação humana como agente transformador da sociedade. Valoriza os movimentos ou ações antes tidas como pré-políticas, entendendo nesse contexto que classe é resultante de uma experiência coletiva, entrelaçada pelos meios de produção e pelo cotidiano decorrente do mesmo. A consciência seria embrionária e intrínseca a este processo, propiciando inclusive, a formação da classe¹⁷. Thompson procura resgatar o trabalhador–sujeito, independente de sua luta ter frutificado ou não.

Através de Sidney Chalhoub em sua obra *Cidade Febril*, identificamo-nos tanto com o objeto de sua análise, quanto com o método. Como Historiador Social da Cultura, vale-se dessa metodologia para fazer sua incursão num episódio da história da Medicina

no Brasil República: a Revolta da Vacina. Ao levantar as questões ligadas a uma concepção de doença e cura por parte da população no Rio de Janeiro na virada para o século XX, Chalhoub aproxima-se do conceito de economia moral de Thompson em sua obra *Costumes em comum*. Para Thompson, economia moral supõe noções definidas e defendidas do que se pretende para um bem-estar comum. Tais noções são permeadas pelo receio da população com relação às mudanças sociais engendradas a partir de novas relações sócio-econômicas. Em suma, é exatamente o momento de transição, onde as massas passam a referendar formas mais antigas ou tradicionais-paternalistas de lidar com o cotidiano em todos os seus aspectos.¹⁸

Diante desse viés metodológico, suscitamos que a história da Medicina no Brasil como objeto de estudos, insere-se no contexto de aproximação entre História e Antropologia que desde os anos 70, tem promovido profícuas pesquisas nesse campo. Segundo Fábio Henrique Lopes¹⁹, a historiografia da Medicina no Brasil possui três vertentes de análise. A primeira de bases foucaltianas, identifica a Medicina como Social desde seus primórdios. A segunda embasa-se nas pesquisas de Madel Luz, que alega ser a Medicina não só social, mas também política, traduzindo uma proposta de intervenção médica no corpo social. Por fim, apresentamos a corrente com a qual nos identificamos, a leitura da Medicina pelos historiadores sociais. Nossa principal proposta é de relatar a atuação dos sujeitos históricos concretos. Procuramos reconstituir as experiências dos habitantes, dos sujeitos, de recuperar concepções populares sobre seu modo de vida ou de como se viam diante da atuação dos médicos laicos e diplomados.

A Hospedaria dos Imigrantes Horta Barboza, fora passagem obrigatória dos trabalhadores recrutados pela imigração em fins do século XIX²⁰. Sabemos que eram boa parte da mão-de-obra empregada nas fábricas, mais ainda nos faltam dados mais claros para afirmarmos com mais precisão que eram a maioria. Inicialmente, pretendia –se empregar os imigrantes estrangeiros na lavoura no pós-abolição. Segundo Maraliz Cristo, tal processo se dera sob resistência à proletarização intensa que se queria impor ao

imigrante. Procuravam ocupações independentes ou as mais voltadas para o lucro imediato.

No caso da Medicina Sanitarista, plenamente implementada na cidade como parte do projeto modernizante, teremos em novembro de 1891, o que chamamos de Revolta dos Imigrantes. Até onde vislumbramos nas fontes, fora um motim de curto prazo. Quanto ao alcance, achamos satisfatórios. Fora imposto um cordão sanitário à Hospedaria em 07 de novembro de 1891 a fim de evitar o contágio ou propagação de epidemias na cidade entre os imigrantes recém-chegados de seu país de origem. Embora, o Delegado de Higiene, Júlio Delgado ateste em correspondência para a Câmara que estavam sãos, o Presidente não abre mão do isolamento e cerca de 1300 imigrantes acabam por rompê-lo. Alegavam precisar comprar víveres e pegar suas bagagens. E os dois praças responsáveis não conseguem detê-los.

Entendemos que na verdade, o que se desejava resguardar eram os próprios imigrantes. Eles haviam custado à Província, eram aguardados como força de trabalho na lavoura e na indústria. Já que haviam transgredido as regras, mas estavam sãos, capazes de trabalhar e não havia uma grande epidemia nesse período, não houve motivo para uma grande repressão por parte da elite política e policial. Segundo o Jornal do Comércio na virada do Século XIX para XX, quando este menciona os aspectos envolvendo a Higiene no Município, havia necessidade da intervenção da polícia para que fossem colocadas em prática, as medidas assépticas e sanitárias. O artigo data de 1901 e atesta que havia insurreições da “população inculta” que confiava mais na magia e medicina leiga do que na Ciência²¹. Não identifica quem seria essa população, objetivo de nossa pesquisa, mas acreditamos que a repressão declarada variava de acordo com os sujeitos envolvidos e claro, a proporção da transgressão. Subalternos tidos como vadios, ambulantes, de cor, praticantes do baixo espiritismo eram mais visados nesse momento. A ordem era para todos, principalmente para “os de baixo”, mas havia nuances.

Em momento posterior (1912), a cidade já se depara com os primeiros movimentos grevistas e anarco-sindicalistas. Era a organização do movimento operário contra a carestia de vida, baixos salários e melhores condições de trabalho²². Nesse contexto, os operários são uma ameaça como um todo, mas em fins do século XIX para o XX, o que era suprimido era quem atentasse primeiro contra o projeto de dominação e modernização. Quem primeiro representasse uma tensão social ou empecilho à viabilização do mesmo. Devemos ressaltar que estamos adotando a perspectiva histórico-social sobre a medicina mediante as possibilidades de leitura que as fontes nos trazem. Em determinadas circunstâncias, nos valeremos também das outras perspectivas. Quando formos estudar a Sociedade de Medicina e Cirurgia e mesmo as medidas médico-sanitárias impostas pelas elites políticas, não poderemos relativizar seu papel apenas para darmos voz aos subalternos.

Creditamos como positivas as três possibilidades de análise, entretanto nos resguardamos mais com relação a de base foucaultiana, por acharmos que esta abordagem enfatiza demais a ordem Médica, sem perceber suas fragilidades e capacidade de interação por parte dos subalternos com a mesma. Em suma, pretendemos nos alçar sobre os estudos de Ciência e Saúde, avaliando as posturas dos segmentos sociais envolvidos. Mas focando, sempre que possível, na reação das camadas populares ao processo de transição para o capitalismo sob o viés da Medicina Sanitarista.

¹ Mestranda em História pela UFJF. Turma de 2005. Graduada pela mesma instituição em 2004.

² YAZBECK, Lola. **As Origens da Universidade Federal de Juiz de Fora**. JF: EDUFJF, 1999.

³ Sobre a expansão industrial de Juiz de Fora e sua articulação ao processo de reprodução econômica do sistema agro-exportador ver: PIRES, Anderson José. **Capital agrário, investimentos e crise na cafeicultura de Juiz de Fora - 1870/1930**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. UFF. Niterói. 1993.

⁴ VALE, Vanda Arantes do. **A organização da Medicina Científica em Juiz de Fora**. Baú de Osso – Memórias, Juiz de Fora. Semana do ICHL. LANA, Vanessa. **Uma associação científica no “interior das Gerais”: a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora (SMCJF)**. Anais Eletrônicos. 1^o. Seminário de História Econômica e social da Zona da Mata Mineira.

⁵ VALE, Idem. LANA, Idem.

⁶ ZAMBELLI, Rita de Cássia. **A cólera em Juiz de Fora: uma realidade presente no século passado**.

Monografia de Bacharelado. UFJF. Juiz de Fora. 1994

⁷ Idem. P., 7. YASBECK, op. cit., p., 247.

⁸ VALE, Vanda Arantes do. **Manchester Mineira**. Cambridge – Inglaterra. IX Congresso da Associação dos Latino-americanistas, 1996

-
- ⁹ NUNES, Everaldo Duarte. **Sobre a História da saúde pública: idéias e autores.** Artigo publicado na Revista eletrônica: Ciência e Saúde Coletiva. nunes@correionet.com.br. Retirado em março de 2005. Sobre os referidos hábitos dos pobres sendo indicativos dos diversos flagelos nos centros urbanos, ver Passin. CHALHOUB, Sidney. Op.cit.
- ¹⁰ SAYD, Jane Dutra.
- ¹¹ BARROSO, Elaine Aparecida Laier. **Medicina Social (1889/1920): Lócus para intervenção do Estado frente aos subalternos.** 1º. Seminário de História Econômica e Social da Zona da Mata Mineira. Anais eletrônicos. Maio de 2005.
- ¹² CAMPOS, Cristina de. **São Paulo pela Lente da Higiene. As propostas de Geraldo Horácio de Paula Souza para a cidade (1925-1945).** São Carlos, RiMa, 2002.
- ¹³ LEAL, Thiago Teixeira. **Mediação distante: medicina científica e a relação médico-paciente em xeque.** Anais Eletrônicos do 1º. Seminário de História Econômica e Social da Zona da Mata Mineira.
- ¹⁴ LUZ, Madel Terezinha. **Medicina e Ordem Política Brasileira políticas e instituições de saúde (1850 – 1930),** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982.
- ¹⁵ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **Mutualismo e Filantropia.** Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH-MG. (Publicação em CD- ROOM). Juiz de Fora. 2004
- ¹⁶ VISCARDI. Cláudia Maria Ribeiro. **Mutualismo e filantropia.** In: Lócus: revista de História. Juiz de Fora: núcleo de História Regional / Departamento de História/Arquivo Histórico/EDUFJF, 2004, V.10, n.01
- ¹⁷ MUNHOZ, Sidney. **Fragmentos de um possível diálogo com E. P. Thompson e com alguns de seus críticos.** Vol.2. Universidade de Maringá. 1997.
- ¹⁸ THOMPSON. E. P. **Costumes em Comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ¹⁹ LOPES, Fábio Henrique. **Análise historiográfica e Histórica da Medicina Brasileira.** Lócus: revista de história. Juiz de Fora: Núcleo de História regional. Departamento de história/Arquivo Histórico/ EDUFJF, 2003, v. 9, n. 02.
- ²⁰ CRISTO. Op., cit.
- ²¹ Jornal do Comércio. Juiz de Fora no Século XIX. **Artigo publicado em comemoração`a entrada do Século XX. 1901.** Typ central. Juiz de Fora.
- ²² ANDRADE, Sílvia Maria Belfort Vilela de. **Classe operária em Juiz de Fora – Uma História de Lutas (1912-1924).** EDUFJF, 1987